

A) 20106



Tabuazeiro ainda guarda muito da antiga fazenda do coronel José Martins

# Tabuazeiro: um bairro agradável de se morar

Por Sérgio Luz

A história do bairro de Tabuazeiro é parecida com a de muitos outros na Grande Vitória. De uma imensa fazenda nos anos 40, sofreu um processo de invasão, na década de 50, e cresceu e se desenvolveu mais aceleradamente a partir de 1970. E, se hoje nem tudo está como querem seus moradores, pelo menos a qualidade de vida do bairro é suficientemente boa para provocar nos mais antigos, como o motorista Mário Tozzi, frases como "daqui só me mudo para uma sepultura em Maruípe ou Santo Antônio".

Nem tudo, porém, foi sempre bom em Tabuazeiro. D. Ester Denaday da Silva, moradora desde o tempo em que só havia oito casas de palha, (a dela foi a primeira de laje), lembra que, quem se mudasse para o bairro praticamente se isolava do mundo. Havia pouquíssimos acessos e o jeito era subir, a pé, desde a av. Maruípe.

ORIGEM DO NOME



gente humano justificava as linhas de ônibus. O bairro já então tinha mais ou menos o perfil de hoje, ocupado basicamente por trabalhadores braçais, que aos poucos haviam se fixado no lugar.

Como em todos os casos de desenvolvimento que se dá de forma acelerada, também em Tabuazeiro os problemas se acentuaram. Os moradores reclamam que, atualmente, o bairro está perdendo um pouco de sua personalidade, ou pelo menos confundindo-se com outros aglomerados. Os moradores que assim falam estão se referindo a uma região nas proximidades, conhecida como Tabuazeiro de Fora, mas que





A história do bairro de Tabuazeiro é parecida com a de muitos outros na Grande Vitória. De uma imensa fazenda nos anos 40, sofreu um processo de invasão, na década de 50, e cresceu e se desenvolveu mais aceleradamente a partir de 1970. E, se hoje nem tudo está como querem seus moradores, pelo menos a qualidade de vida do bairro é suficientemente boa para provocar nos mais antigos, como o motorista Mário Tozzi, frases como "daqui só me mudo para uma sepultura em Maruípe ou Santo Antônio".

Nem tudo, porém, foi sempre bom em Tabuazeiro. D. Ester Denaday da Silva, moradora desde o tempo em que só havia oito casas de palha, (a dela foi a primeira de laje), lembra que quem se mudasse para o bairro praticamente se isolava do mundo. Havia pouquíssimos acessos e o jeito era subir, a pé, desde a av. Maruípe.

### ORIGEM DO NOME

Bom mesmo, segundo D. Ester e os moradores mais antigos, era quando ainda havia no lugar a tabuá, uma fruta parecida com o cajá, que, além de ter dado o nome ao bairro, ainda representava uma renda extra, porque o refresco de tabuá era bastante procurado.

No início, era a fazenda do Coronel José Martins de Figueiredo, hoje o nome da principal avenida. As oito casas de palha se juntaram outras, de alvenaria, quando foi aberta em 1959 a primeira linha de ônibus, com apenas um veículo do tipo guarda-louça sem cobrador. Com essa linha regular, o bairro começou então a ser ocupado.

Para lá mudaram-se principalmente os trabalhadores braçais (serventes de obra, motoristas), industriários e comerciantes, que adquiriram terrenos de invasão e, aos poucos, foram construindo suas casas — a princípio de estuque e, com o tempo, de alvenaria. O bairro, hoje, tem uma característica que serve de orgulho para quem vive lá: "Morador aqui não quer sair de jeito nenhum, tanto que é difícil achar casa para comprar ou alugar" — enfatiza o motorista Mário Tozzi.

### SEM VIOLÊNCIA

Segundo ele a maior vantagem de Tabuazeiro é que no bairro "todo mundo é igual, não há problemas de violência, de assalto, essas coisas que estão acontecendo por aí. Se eu disser que nesses 30 anos que moro aqui, fui assaltado uma vez, eu estou mentindo".

Já sem os pés de tábua — derubados para a abertura de ruas — mas com uma rotina de cidade de interior, o bairro sofreu o impacto da industrialização ocorrida na Grande Vitória no início dos anos 70, quando começou a funcionar o porto de Tubarão, da Vale do Rio Doce.

Em Tabuazeiro, esse crescimento materializou-se na inauguração da Viação Tabuazeiro, pois o contin-

Cyro Denada,

gente humano justificava as linhas de ônibus. O bairro já então tinha mais ou menos o perfil de hoje, ocupado basicamente por trabalhadores braçais, que aos poucos haviam se fixado no lugar.

Como em todos os casos de desenvolvimento que se dá de forma acelerada, também em Tabuazeiro os problemas se acentuaram. Os moradores reclamam que, atualmente, o bairro está perdendo um pouco de sua personalidade, ou pelo menos confundindo-se com outros aglomerados. Os moradores que assim falam estão se referindo a uma região nas proximidades, conhecida como Tabuazeiro de Fora, mas que moradores mais antigos re-negam. Para eles, o Tabuazeiro dito de Dentro (designação nunca usada pelos moradores) é bem diferente do outro: "Aqui não existe violência, não precisamos nem de delegacia e até os carros da Polícia raramente passam por aqui, porque não teriam trabalho mesmo" — diz um morador, que afirma também que, no Tabuazeiro de Fora, cenas de lutas de faca já são quase rotina.

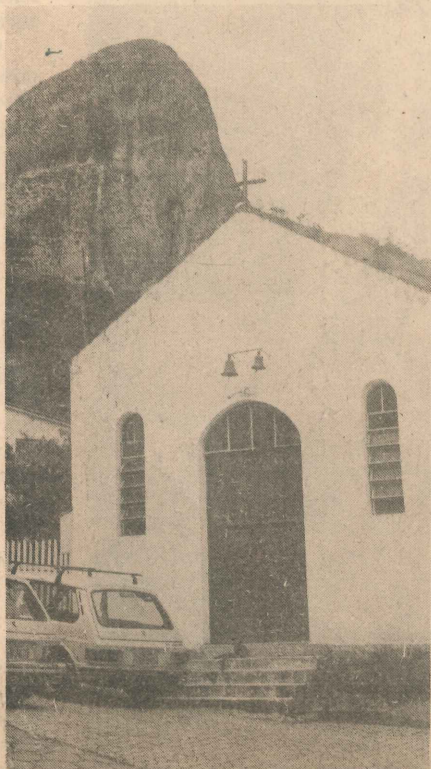
### FALTA UNIÃO

Essa defesa intransigente que os moradores fazem de Tabuazeiro não tem sido, porém, suficiente para fazer com que a comunidade se organize. Ao contrário, o que se nota é uma tendência a se esvaziar qualquer iniciativa que se tenha em função da coletividade. Este é o caso, por exemplo, do Movimento Comunitário, que, depois de três anos, fechou em 1981. Agora, por iniciativa de Sylvino Fontes, está sendo organizada uma reunião para esta semana, com a intenção de reativar o Centro Comunitário local.

A partir da organização do Movimento Comunitário, o bairro vai poder fazer as suas reivindicações. Reivindicações que não são muitas, pois em geral considera-se que, como a água é farta, a luz é boa e a infra-estrutura suficiente, está garantido o principal.

Mesmo assim os moradores sentem falta de uma área de lazer (a única, com duas quadras, é particular), de uma farmácia, de mais quebra-molas (por causa do movimento provocado pelas duas oficinas do bairro), e de obras na rua Evânia Correia da Silva. Nesta rua, sempre que chove mais forte (como aconteceu nos últimos dias em Vitória), a casa de Nilton Carneiro da Silva (neto de D. Evânia, a que deu o nome à rua, e filho de Nelson Carneiro da Silva, o primeiro comerciante a se estabelecer no bairro), fica inundada.

Cyro Denaday



Sinos ainda dobram na capela



D. Esther, uma das pioneiras